

CONSIDERAÇÕES SOBRE “O EROTISMO”, DE GEORGES BATAILLE: UM PENSADOR DO PARADOXO E DA TRANSGRESSÃO.

Daniel Verginelli Galantin¹

“ (...) nada detém a libertinagem e não há nada como lhe impor limites para ampliar e multiplicar os desejos” (SADE, 2006, p.52).

RESUMO: Com este artigo pretendo contribuir para a interpretação da obra “O Erotismo” de Georges Bataille. Para tanto acredito ser necessário apontar alguns dos pensadores com quem ele polemizou, as razões de tal polêmica, assim como outros autores com quem ele convergiu. Porém, ao comentar sua obra, irei me restringir a “O Erotismo”. Pretendo diminuir essa limitação do presente artigo através de referências a outros intelectuais que comentaram sua obra. Dentro de “O erotismo” será dada uma especial atenção à complexa relação que Bataille estabelece entre as interdições e as transgressões, relação que será explicitada através de um diálogo com escritos de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche.

Palavras-chave: Bataille, erotismo, interdição, transgressão, paradoxo.

No pensamento de Georges Bataille podemos encontrar diversas influências como o marxismo, psicanálise, a antropologia de Marcel Mauss, os escritos do Marquês de Sade, o pensamento de Hegel (principalmente no início de sua formação intelectual) e de Friedrich Nietzsche. Sobre este último, destacamos o fato de ele ter defendido suas idéias em alguns ensaios, contra as apropriações que foram feitas pelos nazistas. No tempo em que viveu, Bataille teve seu trabalho pouco reconhecido, e alguns de seus contemporâneos, como Sartre, o chamavam de um “ateu místico” ou de “metafísico do mal”. Seu trabalho, porém, influenciou uma geração posterior de autores como Jacques Derrida, Michel Foucault, Philippe Sollers, Jean Baudrillard, Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy. Dentre seus principais trabalhos podemos destacar: “O erotismo” (1954); “A experiência interior” (1943); “O culpado” (1943); “A parte maldita” (1949); “A literatura e o mal” (1957), e seu polêmico ensaio apontado anteriormente, “Sobre Nietzsche” (1945). Bataille ainda escreveu obras literárias como “História do Olho” (1928), “Madame Edwarda” (1941) e “O Azul do Céu” (1957). Ele também foi fundador ou membro do corpo editorial de várias revistas como *Critique*, *Documents* e o periódico *Acéphale*.

Ao iniciar sua obra “O erotismo”, logo no prefácio, Bataille expõe o objeto do trabalho – o erotismo – e aponta uma das características de seu pensamento que permeará a obra toda: diz ser possível buscar a coesão do espírito humano, que uniria desde a santa até o voluptuoso. Chega a afirmar que: “Tudo sacrifiquei à procura de um ponto de vista do qual sobressaísse a unidade do espírito humano” (BATAILLE, 2004, p.12). Mas, explicando melhor seu método, o autor afirma que com

¹ Daniel Verginelli Galantin é, em setembro de 2008, acadêmico do quinto período de História na UFPR. O currículo Lattes encontra-se em: <<http://lattes.cnpq.br/3881064026467115>>

isso, apenas busca na diversidade dos fatos analisados construir um quadro coerente. Ainda assim, ele aponta que seu livro se opõe aos esforços da ciência, pois esta estuda os casos separadamente e num âmbito de especialização, o que a tornaria uma ferramenta inviável para analisar o erotismo.

Nesta obra Bataille defende que o erotismo é uma experiência unicamente humana, pois animais e humanos fazem a atividade sexual de reprodução, porém apenas os humanos fizeram da atividade sexual, uma atividade erótica. Neste momento, o autor destaca duas noções fundamentais para o entendimento desta obra: a continuidade, a descontinuidade dos seres e a tensão que existe entre elas. Segundo o autor, somos seres descontínuos, pois, entre cada ser, há um abismo que o separa do outro. Nascemos sós e morremos também sós. Mesmo que os eventos que nos afetam interessem a outros, estamos essencialmente isolados (BATAILLE, 2004, pp.21-22). Neste momento podemos notar uma influência das idéias do Marquês de Sade, que desenvolve, através de seus personagens, teorias semelhantes em seu “A Filosofia na Alcova”². Porém, nossa existência, enquanto seres descontínuos permite passagens para uma continuidade. Estaríamos numa busca freqüente por esta continuidade perdida que nos religaria ao ser. A continuidade nos tira da solidão e isolamento, nos desagrega enquanto seres levando-nos a um estado de dissolução, à sensação de soçobrar. Porém, Bataille faz questão de distanciar sua idéia de continuidade daquela do deus dos teólogos. Para isso ele encontra uma das melhores descrições para o conceito de continuidade num poema de um dos mais furiosos poetas: Arthur Rimbaud³. Entre as formas de se experimentar a continuidade, Bataille aponta o erotismo, a morte, a reprodução e a violência, mostrando como estes elementos da existência humana são intimamente relacionados (BATAILLE, 2004, pp.39-40).

Para Bataille, existem três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo sagrado e o erotismo dos corações, sendo o centro de todos eles a substituição do isolamento do ser pela continuidade profunda. O erotismo dos corpos é o mais “visível” de todos, cabendo destacar que não existe escala de gradação valorativa alguma entre essas formas de erotismo. Ele tem seu ápice na fusão dos corpos durante o ato sexual, onde temos, no mínimo, dois seres que se fundem num momento de dissolução dos limites corporais que os definiriam. Neste momento, acabam desagregados enquanto seres, experimentando um estado igual de dissolução: a continuidade, com a destruição da estrutura do ser fechado. O erotismo dos corações é o erotismo dos amantes. Ele é perpassado pela paixão, um sentimento arrebatador e que adiciona violência ao erotismo dos corpos para aquele que a experimenta. A própria paixão feliz traz uma desordem tão violenta, que, freqüentemente, para aquele que a sente, antes de poder ser gozada, ela é comparável ao seu oposto, o sofrimento. Neste

2 Um exemplo ilustrativo da hipótese do isolamento dos homens pode ser vista quando Dolmancé responde à indagação de Eugénie sobre a pertinência de nos entregarmos a gozos que prejudiquem uma maioria de indivíduos enquanto beneficiasse somente nós. Ele responde: “De modo algum. Não se pode comparar o que os outros sentem ao que nós sentimos (...) Não nascemos todos isolados? Digo mais: todos inimigos uns dos outros, num estado de guerra perpétuo e recíproco?”. Essa passagem encontra-se em: SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova**. BORGES, Contador (trad.). São Paulo : Iluminuras, 2003, p.111.

3 O poema referido é “A alquimia do verbo”, mais precisamente a estrofe: “*Elle est retrouvée! Quoi? L'éternité C'est la mer mêlée Au soleil!*”. Onde podemos mais uma vez perceber o papel de tensões entre elementos opostos que se misturam mais que se opõem rigidamente. Trecho retirado da versão bilingüe RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p.74.

erotismo, a continuidade possível está presente no outro, e sua relação com a violência e a morte (violência última), se mostra, por exemplo, quando o amante, na impossibilidade de possuir o ser amado, ou na possibilidade de vê-lo com outro, prefere matar o amado, ou mesmo cometer suicídio (BATAILLE, 2004, pp.32-34). O erotismo sagrado, um dos mais complexos de se entender, é analisado por Bataille, principalmente através do sacrifício, onde o sagrado “é justamente a continuidade do ser revelado aos que fixam sua atenção, em um rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo” (BATAILLE, 2004, p.36).

Outras idéias fundamentais desta obra, tratadas nela como um todo são a interdição e a transgressão. As interdições são as restrições impostas – nunca de fora – numa sociedade, para que o mundo humano permaneça com certo grau de organização. Elas estão diretamente ligadas ao mundo do trabalho, que é o mundo da acumulação, da ordem e da disciplina. Elas regram o mundo humano e são uma das principais características que nos diferenciam dos animais (BATAILLE, 2004, pp.61-62). Talvez possamos afirmar que existe aqui uma influência do pensamento de Nietzsche em tais conceitos, pois este mundo do trabalho parece ser muito próximo de um mundo onde predomina tudo aquilo que é “apolíneo”. Porém, neste caso, devemos especificar que o trabalho a que se refere Bataille, não é necessariamente o trabalho tal como o conhecemos nas sociedades ocidentais modernas (ele o é também), mas, sobretudo, é o trabalho enquanto atividade necessária para a existência do meio social humano. Este é um mundo regido pela ordem, relacionado à metáfora do ‘solar’ e que o filósofo alemão relaciona ao ‘princípio da individuação’ de Schopenhauer (NIETZSCHE, 2006, pp. 29-30). Assim, a interdição pode ser colocada próxima da descontinuidade do ser. Estando esta última ligada à sustentação das formas, ao respeito aos limites; poderíamos entendê-la melhor à luz do que Nietzsche entende por apolíneo.

Já a transgressão é a ruptura, a quebra (temporária) das correntes das interdições. Ela nos traz a angústia e a sensação de pecado, que são o passo inicial para a entrada no erotismo. As transgressões estão ligadas ao mundo das festas, que é regido pela desordem, pelo constante dispêndio, a violência, o gastar de forma desmedida, enfim, os excessos. Aqui podemos ver um mundo dionisíaco o qual Nietzsche também aproxima da volúpia, da crueldade e de todos os movimentos orgiásticos, os quais rompem com o ‘princípio de individuação’.

Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial (...) Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial (NIETZSCHE, 2006, p.31).

Porém é importante ressaltar que a transgressão não existe em oposição à interdição – como no caso das idéias de bem e mal na tradição judaico-cristã –, mas sim a complementa, da mesma forma que o apolíneo e o dionisíaco têm uma relação agonística, e não se opõem pura e simplesmente.

O servidor ditirâmico de Dionísio só é portanto entendido por seus iguais! Com que assombro

devia mirá-lo o grego apolíneo! Com um assombro que era tanto maior quanto em seu íntimo se lhe misturava o temor de que, afinal, aquilo tudo não lhe era na realidade tão estranho, que sua consciência apolínea apenas lhe cobria como um véu esse mundo dionisíaco (NIETZSCHE, 2006, p.35).

A transgressão é essencial para a passagem do ser de um estado equilibrado para o estado de plethora sexual intrínseco ao erotismo. Ela faz emergir certa “animalidade” no homem, porém não acaba com a interdição, nem vice-versa. Sem as transgressões ou sem as interdições, o erotismo nunca estaria completo. Porém, segundo Bataille, o cristianismo teria transformado todas as transgressões em pecado, rejeitando a impureza sagrada. Tudo aquilo relacionado às transgressões foi afastado da esfera do sagrado, o que fica evidente no modo como o cristianismo trata a figura de Lúcifer, o anjo da primeira transgressão, que perdeu seu status divino (BATAILLE, 2004, p.189).

Ao comentar sobre a interdição que envolve a morte, o autor utiliza-se da antropologia e faz uma profunda análise sobre o horror que diversas culturas têm dos cadáveres e as preocupações que têm com seus mortos. O cadáver apresentar-se-ia como o resultado último da violência, tendo ao redor de si, uma aura de contaminação, evitada por todos que se aproximassem⁴. Mas como toda interdição, sua transgressão nos fascina. A ambigüidade nos sentimentos relacionados à morte inunda o ser humano. Bataille tece considerações sobre a relação entre a morte e a reprodução, colocando, por exemplo, que num certo sentido a vida é sempre tributária da morte. Ainda que nos seres de reprodução sexuada haja, geralmente, um tempo entre a reprodução de um ser e sua morte, a morte é quem fornece, através da decomposição, a matéria-prima para a vida.

Numa homenagem a Bataille publicada em 1963 na revista *Critique*, Michel Foucault liga a sexualidade moderna à morte de Deus e à transgressão. Para Foucault, a sexualidade moderna, ligada à morte de Deus, conduz à ‘experiência interior’:

Suprimindo de nossa existência o limite do ilimitado, a morte de Deus a reconduz [a sexualidade] a uma experiência em que nada mais pode anunciar a exterioridade do ser, a uma experiência conseqüentemente *interior e soberana* (...) Nesse sentido, a experiência interior é inteiramente experiência do impossível (o impossível sendo aquilo de que se faz a experiência e que a constitui) (FOUCAULT, 2006, p.30).

Talvez uma das características mais interessantes de Bataille seja seu esforço para colocar-se numa posição diferente da dialética, e Foucault reconhece esse esforço na própria linguagem batailliana. “De uma tal linguagem é possível, sem dúvida, encontrar em Bataille os cepos calcinados, a cinza promissora” (FOUCAULT, 2006, p.32). Mais uma vez acredito ser necessário que detenhámo-nos na relação entre interdição e transgressão, uma relação que chamamos de agonística na medida em que é um jogo de forças diferentes, antes que uma oposição. Foucault percebe essa relação ao propor que

a transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha

4 Idéia esta, semelhante à de outros que estudaram o mesmo tema, como René Girard (GIRARD, 1998).

que ela cruza poderia ser também todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível (FOUCAULT, 2006, p.32).

Desta forma podemos perceber que as interdições e as transgressões devem uma às outras a sua existência, toda a “densidade do seu ser”. A interdição, que Foucault denomina ‘limite’,

opera como uma glorificação daquilo que exclui: o limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que o rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago. A transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o reconduz a atentar para sua desapareição iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui (mais exatamente talvez a se reconhecer aí pela primeira vez), a sentir sua verdade positiva no movimento de sua perda (FOUCAULT, 2006, pp.32-33).

A afirmação da interdição pela transgressão (e vice-versa) fora de uma ótica binária de oposição pode ser percebida na medida em que

a transgressão não está, portanto, para o limite como o negro está para o branco, o proibido para o permitido, o exterior para o interior, o excluído para o espaço protegido da morada. Ela está mais ligada a ele por uma relação em espiral que nenhuma simples infração pode extinguir. Talvez alguma coisa como o relâmpago na noite que, desde tempos imemoriais, oferece um ser denso e negro ao que ele nega, o ilumina por dentro e de alto a baixo, deve-lhe entretanto sua viva claridade, sua singularidade dilacerante e ereta, perde-se no espaço que ela assinala com sua soberania e por fim se cala, tendo dado um nome ao obscuro (FOUCAULT, 2006, p.33).

Dentre os estudos que Bataille apresenta em “O erotismo”, podemos destacar os dois sobre o Marquês de Sade, onde ele aponta primeiramente como Sade expõe em seus romances, uma espécie de “transgressão total”, que iria além das capacidades humanas. No discurso de Sade haveria uma espécie de negação total do outro, pois se o erotismo leva ao acordo, ele desmente o movimento de violência e morte que ele é, a princípio (BATAILLE, 2004, pp.270-272). Bataille termina os seus estudos sobre este autor explicando como foi ele quem nos revelou várias “verdades penosas”. Ele preparou o caminho para os homens de hoje terem consciência do que significa para eles a transgressão. Assim nos é apresentado um Sade muito mais próximo das idéias contidas em seus livros.

Luiz Renato Martins, em “Do erotismo à parte maldita” localiza o pensamento de Bataille mostrando suas dissonâncias para com a fenomenologia e o existencialismo, além de inseri-lo num contexto de crise das idéias humanistas (MARTINS, 1998, p.420). Bataille foi inicialmente influenciado pela “Fenomenologia do Espírito” de Hegel, tendo contato com o pensamento deste filósofo ao ser aluno de Alexandre Kojève na *École des Hautes Études*, em Paris, entre os anos de 1934 a 1939. Essa formação marcou em Bataille certo gosto para lidar com idéias e sistemas de pensamento, buscando a formalização de seus trabalhos segundo leis e princípios universais. Talvez venha dessa formação inicial muitos dos problemas que vemos em sua obra, principalmente quanto às generalizações. Porém sua formação intelectual ainda não estaria completa só com isso. Pelo contrário, ela tendeu a caminhar numa direção significativamente distinta. O próprio Bataille apontou para o envelhecimento das teorias

hegelianas. Dentre os problemas da teoria de Hegel, Bataille se referia à heterogeneidade interior do homem que se tornava cada vez mais evidente, diferentemente da homogeneidade defendida por Hegel (MARTINS, 1998, p.417). Neste sentido, enquanto procura sair da tradição hegeliana, Bataille aponta para a necessidade de se atentar para aquilo que a psicanálise e a antropologia, principalmente a de Marcel Mauss, estavam produzindo.

Segundo Martins, Bataille diverge da fenomenologia enquanto esta encara o conhecimento como um fim, como o ápice da experiência interior. Em “*L’expérience interieure*” ele busca questionar esse finalismo detectado na fenomenologia, o qual existe devido ao tipo de experiência preconizada pelos fenomenólogos. Ir ao limite da experiência, segundo Bataille, é “no mínimo ultrapassar o conhecimento como fim” (BATAILLE apud MARTINS, 1998, p.423). A divergência entre Bataille e Heidegger pode ser observada quando o primeiro ressalta que, enquanto o pensamento do filósofo de “Ser e tempo” é fundado na angústia, a qual conduz à revelação da totalidade, o seu pensamento parte do riso, uma experiência que descarta a totalidade, “pressupõe o não-sentido e conduz ao não-saber” (MARTINS, 1998, p.423). Da mesma forma o pensamento heideggeriano implicaria numa concepção de liberdade, vinculada à totalidade. Desta forma podemos destacar que a perspectiva batailliana não pode entrar em acordo com a idéia de liberdade desenvolvida pela ontologia de Heidegger. Ainda assim, o filósofo francês colocou alguma confluência entre seu pensamento e o de Martin Heidegger. Embora após lermos o artigo de Martins essa confluência pareça se desvanecer⁵, Bataille, numa conferência realizada em 1955 no *Collège Philosophique* apontou:

Não sou o primeiro a me sentir surpreso com o resultado decepcionante da filosofia, que é a expressão da humanidade mediana e que se tornou estranha à humanidade extrema, quer dizer, às convulsões da sexualidade e da morte. Parece-me mesmo que a reação contra este aspecto congelado da filosofia caracteriza a filosofia moderna em seu conjunto, digamos, sem falar de Kierkegaard, de Nietzsche e Heidegger. Naturalmente a filosofia parece-me profundamente doente. Ela é inconciliável com uma possibilidade boêmia, uma possibilidade descomposta do pensamento, que eu talvez represente aos olhos de alguns de vocês (BATAILLE, 2004, p.407).

A divergência com Sartre se constitui também devido ao conceito de liberdade. Sartre⁶ reagiu de modo muito mais agressivo à obra de Bataille, acusando-o de ser um “novo místico” no artigo “*Un nouveau mystique*”, de 1943. Sartre deriva seu pensamento, dentre outros, de Descartes e de Husserl, assim afirmando a experiência da consciência como superior e fornecedora de certezas imediatas. Esta perspectiva sartriana não deixa de ser divergente da científica, que fragmenta o homem. O autor de “O ser e o nada”, desta forma, desenvolve seu pensamento privilegiando a esfera da consciência, a qual se apresenta vinculada à liberdade.

Por sua vez Bataille descarta a unicidade do espírito e a pressuposição do *cogito*. Sua multiplicidade de pontos de vista está relacionada ao perspectivismo nietzscheano o qual funda uma luta sem finalismo. Da mesma forma, Bataille não privilegia nenhuma das linguagens, seja da

5 A dissonância frente Heidegger é observada por Luiz Renato Martins principalmente em “A experiência interior”.

6 Além desse momento do conflito entre Bataille e Sartre, Luiz Renato Martins destaca algumas passagens de “*Sur Nietzsche*” e em “A literatura e o mal”, quando Bataille comenta Jean Genet.

ciência, do corpo ou da consciência – esta última privilegiada pela fenomenologia. “Para o observador foucaultiano dos dias que correm a quem a causa de Bataille surgirá mais próxima e fecunda, estão em cena, antes de tudo, ordens discursivas ou redes de linguagem, cada uma conservando a sua especificidade” (MARTINS, 1998, p. 425).

Para resumir a contenda. De um lado, com o descarte da consciência, perde-se a liberdade. Por isso, a fúria de Sartre. De outro lado, se não existe a unicidade do espírito, como mostram suficientemente as ciências, a liberdade será apenas uma anacrônica figura de ficção da idade da fé. Tal é a perspectiva de Bataille. Para este, trata-se de abandonar a noção de liberdade, enquanto ela acarreta a manutenção de todo o equipamento da razão, com seu vezo teológico ou metafísico (MARTINS, 1998, p.425).

Agora iremos atentar mais especificamente à idéia de conflito presente no trabalho do autor de “O Erotismo”. Ao considerar o erotismo, Bataille estabelece dois planos de conflito: através do deboche, que é uma oposição à elevação moral do pensamento; e através da subjetividade focalizada, que manifesta uma cisão da consciência. Porém a idéia de luta é diferente em Hegel e Bataille. Para o primeiro ela é uma manifestação privilegiada da negatividade, ou seja, da potência essencial da consciência. Dessa forma, todo conflito seria, portanto, determinado, tendo um sentido e culminando com a idéia finalista da unidade pacífica e sintética das diferenças. No plano da consciência, este movimento dialético se dirige a um reencontro da consciência consigo mesma e, desta forma, à constituição da Razão. Já para Bataille, o erotismo nos trás uma contradição insuperável e afirma uma cisão abissal no âmago da consciência. As contradições entre ordem e desordem, razão e instinto não são sanáveis. Desta forma, há uma heterogeneidade no espírito. O erotismo apresenta-se como “paradigma de contraditórios não conciliáveis” (MARTINS, 1998, p. 418).

Bataille altera a dialética hegeliana ao desenvolver seus estudos sobre o erotismo⁷ e se aproximar da obra de Nietzsche, de modo a abolir a síntese⁸ e ressaltar oposições que não se conciliam – aqui não podemos deixar de lembrar todas as críticas diretas que Nietzsche fez à filosofia hegeliana em sua obra, principalmente à sua visão finalista e teleológica da história, além de sua vinculação com o nacionalismo. Segundo Martins, “Nietzsche é o filósofo do ensino paradoxal; é o pensador das contradições infinitas. Descartou todo corolário universal do conhecimento” (MARTINS, 1998, p.419). Ao se aproximar das idéias nietzscheanas, Bataille interfere de tal modo na filosofia hegeliana que esta praticamente perde tudo aquilo que a caracteriza enquanto tal. “Ao se alinhar com o perspectivismo de Nietzsche, Bataille despoja os procedimentos de Hegel de seu sentido original. Faz um recorte e abandona o sistema. Desse modo a negação cessa de valer como ascensão, deixa de significar supressão da particularidade em favor do universal” (MARTINS, 1998, p.420). Assim seu pensamento não concede lugar a finalismos e trabalha com paradoxos que não se superam.

Eliane Robert Moraes, por sua vez, traz uma leitura da obra batailliana em seu livro “O corpo impossível” onde Bataille é colocado numa tradição de crítica às idéias antropomórficas, assim como

7 Ressalto aqui que “O Erotismo” não é a única obra em que o autor trata desse tema. Ele é recorrente em praticamente todas as suas obras, porém destaco “A Experiência Interior” como outra obra fundamental dele.

8 O que lhe rendeu mais críticas ainda por parte de Sartre.

aponta para as semelhanças e diferenças entre o pensamento batailliano e o programa do movimento surrealista (MORAES, 2002). Os atritos entre as idéias de Bataille e as que os membros do movimento surrealista preconizavam atingiram um grau tal que acabou por culminar com a ruptura entre eles.

Não é difícil perceber que a erótica dos surrealistas guarda visível distância da concepção de Bataille: enquanto os primeiros concebem a fusão dos amantes como o ponto de partida da criação, o segundo enfatiza seu caráter destrutivo. Com seu voto de fé no elevado ideal do amor único entre homem e mulher, o surrealismo circunscreve de forma clara os limites de sua abordagem: ‘o amor recíproco é o único de que nos ocupamos’, confirmam os criadores do movimento. Quando, no segundo Manifesto, Breton acusa Bataille de ‘baixo materialismo’, afirmando que este só considera no mundo ‘o que existe de mais vil, de mais desencorajador, e de mais corrompido’, esses limites se evidenciam ainda mais, e se repõem (...) na polêmica de ambos sobre o marquês de Sade: poético para o primeiro, sórdido para o segundo (MORAES, 2002, p.51).

Porém, mesmo com esses desentendimentos Bataille não estava se opondo frontalmente ao movimento surrealista, mas sim explorando lugares onde este não teve audácia de chegar. Se ele estava às margens do movimento, não podemos dizer que o movimento estava às margens dele (MORAES, 2002).

Em “O erotismo”, Bataille faz uma extensa dissertação sobre o tema enunciado no título, estudando-o de forma minuciosa e mostrando como ele está intrinsecamente ligado aos homens, sendo uma expressão deste em seus estados extremos. Um dos principais problemas de sua obra são as generalizações exacerbadas que às vezes encontramos, ainda que explique o esforço de procurar o que é comum a toda humanidade para poder organizar seus estudos. Esse problema é muito visível quando ele disserta sobre o sagrado e sobre a religião, sem especificá-los. Nos momentos em que trata alguns assuntos de modo a demonstrar uma maior especificidade, como quando disserta acerca das diferenças entre o cristianismo e o paganismo, ele dá a entender que todos os paganismos são, de certo modo, iguais, sem levar em conta que o próprio termo traz uma carga de etnocentrismo, já que ele foi designado para caracterizar todos aqueles que não pertencessem às grandes religiões monoteístas. Mas isto são apenas as marcas do tempo em seus escritos, o que não os invalidam de forma alguma.

O trabalho de Bataille é uma enorme contribuição para os estudos sobre o erotismo e outros temas como as interdições e as transgressões. Ele pode ser colocado como um dos precursores do que foi convencionalmente chamado de “pós-modernidade” tal como podemos notar no prefácio das atas de um colóquio realizado em Cambridge, o qual uniu pesquisadores de várias áreas e foi publicado na *Revue Silène* da Universidade de Paris X:

Em abril de 2006 decidimos reunir num mesmo colóquio, especialistas de diferentes áreas, a fim de propor uma reflexão transdisciplinar. Sejam eles teóricos da literatura, sociólogos, ou historiadores da arte, das universidades de Cambridge ou Londres, estes jovens pesquisadores consideram Bataille como um dos pioneiros daquilo que designamos, nas universidades anglo-saxãs, pelo termo “pós-modernismo” (JAMES, SMITH, ARYA, FEYEL et al, 2006, p.4)⁹.

9 A citação é uma tradução feita a partir do original bilíngüe (francês-inglês) pela qual me responsabilizo e cujo link encontra-se na bibliografia ao final do artigo.

O modo como ele transita por várias áreas do saber, como a História, Antropologia e Etnologia, Filosofia, Psicanálise, e até mesmo a Biologia, faz com que seu tratado seja muito bem embasado. No que diz respeito às relações entre sexualidade erótica, morte e violência, Bataille os apresenta como estando intimamente ligados, quase como impossíveis de serem estudados separadamente.

Atualmente podemos constatar que infelizmente a obra de Georges Bataille carece do devido reconhecimento dentro da historiografia. Podemos apontar como um dos fatores dessa falta de reconhecimento, e talvez mesmo de conhecimento aliada à dificuldade para se ter acesso a suas obras. Parte significativa delas não está traduzida para o português, ou já estão esgotadas, sendo vendidas em sebos a preços pouco acessíveis. Devido às contribuições que esta obra é capaz de oferecer, principalmente no âmbito teórico através da discussão de conceitos, ela deveria ser mais freqüentemente lida, apesar de seus diversos problemas, principalmente pelos que trabalham com história intelectual, relações de gênero e os que se interessam pelos acalorados debates sobre pós-modernidade e pós-estruturalismo.

Bibliografia

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo : Arx, 2004.

_____. **A literatura e o mal**. Porto Alegre : L&PM, 1989.

_____. **Sur Nietzsche**: volonté de chance. Paris : Gallimard : 1945.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. IN: **Ditos e escritos**. Vol III. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

GIRARD, R. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo : Paz e Terra, 1998.

JAMES; SMITH; ARYA, FEYEL et al. Actes du colloque transdisciplinaire du 29 avril 2006 à Newham College, Université de Cambridge. FEYEL, Juliette (org.). IN: **Revue Silène** <http://www.revue-silene.com/images/30/extrait_109.pdf> acessado em 23/08/2009.

MARTINS, Luiz Renato. Do Erotismo à parte maldita, IN: NOVAES, Adauto (org.) **O Desejo**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

MORAES, Eliane Robert. **O Corpo Impossível**. São Paulo : FAPESP; Iluminuras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno**. Porto Alegre : L&PM, 2008.

SADÉ, Marquês de. **Os 120 Dias de Sodoma** ou a escola da libetinação. FRANÇOIS, Alain (trad.). São Paulo : Iluminuras, 2006.

_____. **A filosofia na alcova**. BORGES, Contador (trad.). São Paulo : Iluminuras, 2003.